

Heteronomia: a estranheza do fundamentalismo protestante no Brasil

Edson Pereira da Silva*

RESUMO

O presente texto é sobre a heteronomia no fundamentalismo protestante do Brasil. Por isso, em primeiro lugar, apresentaremos o conceito de heteronomia, dentro de uma concepção Tillichiana. Em segundo, discorreremos sobre a heteronomia dentro do protestantismo brasileiro e, por último, abordaremos as consequências provocadas pela heteronomia do protestantismo brasileiro.

Palavras-chave: Heteronomia, Paul Tillich, Protestantismo brasileiro.

HETERONOMY: THE STRANGENESS OF BRAZIL'S PROTESTANT FUNDAMENTALISM

ABSTRACT

This paper aims the heteronomy in Brazil's Protestant Fundamentalism. First, the concept of heteronomy within a Tillichian perspective is presented. Secondly, we will discuss the heteronomy within the Brazilian Protestantism and, finally, it will be discussed the consequences caused by the heteronomy of Brazilian Protestantism.

Key words: Heteronomy, Paul Tillich, Brazilian Protestantism.

Introdução

No Zaratustra, Nietzsche, na primeira parte do seu texto, trata sobre três metamorfoses do espírito humano, que ilustra muito bem sobre aquilo que iremos discorrer. O espírito humano, segundo Nietzsche, no seu primeiro momento é simbolizado por um camelo, no segundo, um leão e, por último, uma criança (NIETZSCHE, 2011, p. 29-31).

* Graduado em Teologia pela UMESP, faz especialização em Língua Portuguesa e Literatura na UMESP e licenciatura em Pedagogia pela UNOPAR.

Em nossa interpretação, entendemos o camelo como a representação da subserviência irrestrita e por esta razão, o camelo é obrigado a levar pesadas cargas que representa as leis, regras heterônomas impostas pela religião e que conduzem o ser humano a uma vida degradante e escravizada. Por isso, o camelo busca o deserto, que é a solidão, e neste deserto solitário, metamorfoseia-se em um leão que representa a liberdade conquistada. Liberada pelo ímpeto dos instintos, ele luta com o grande dragão que representa a heteronomia em sua forma monstruosa, estranha e sombria, com suas imposições do tipo “tu deves”. Por fim, temos a criança, que representa a vitalidade, potência, criatividade, inocência, que não está condicionada ao passado, as regras, as imposições. Ela é uma santa afirmação regulada por sua vontade que é responsável de construir seu próprio mundo, sua vida, seu caminho (NIETZSCHE, 2011, p. 29-31).

Por isso, objetiva-se neste trabalho apresentar a heteronomia do fundamentalismo protestante do Brasil como o fardo pesado, imposto pelo dogmatismo vigente, que escraviza os cristãos que se submetem as suas leis, regras e normas transvestidas de Palavra de Deus, a partir de uma interpretação fundamentalista de Bíblia. E, por isso, a liberdade (leão) e a criatividade (criança) são privadas da vida de todos aqueles que amam a verdade.

Fazendo uma crítica a este tipo de heteronomia presente no fundamentalismo, Tillich (2005, p. 21) afirma que o fundamentalismo possui traços que ele considera demoníacos. Porque aniquila a busca humilde da verdade, cria uma crise no pensamento do ser humano, gera fanatismo e todos os elementos da verdade são suprimidos.

Para tanto, nosso texto está dividido em três seções: na primeira, faremos uma definição geral de heteronomia e, em seguida, como Tillich concebia e como tratava esta palavra em sua teologia. Na segunda, apresentaremos a heteronomia como uma marca ou característica do fundamentalismo brasileiro, que tem na Bíblia a base para o estabelecimento de suas imposições e que podem ser refletidas em seus dogmas. Por último, abordaremos as consequências caóticas, destrutivas, oriundas desta heteronomia.

I Heteronomia – a estranheza de uma lei imposta

A heteronomia é um termo utilizado em ética que indica uma imposição colocada externamente sobre uma pessoa. Para Kant, este termo estava relacionado a qualquer causa primeira que determinava o modo de ser nas ações morais, cuja origem não estava no pensamento do ser em si, ou seja, segundo a legislação estabelecida pela consciência moral de maneira livre e autônoma. E, neste sentido, a heteronomia é fundamento que tem no outro, ou seja, algo que lhe é externo como causa da nossa conduta em todas as esferas da nossa existência e não na consciência autônoma (HOUAISS, 2009, 1016).

Segundo Tillich (2005, p. 98), a heteronomia é uma lei estranha, externa e que se impõe sobre todas as funções da razão. Por isso, ela reivindica para si a função de agente gerenciador e condutor da razão, por ser ela mesma parte constituinte da própria razão. Desencadeando um conflito com consequências funestas, entre a heteronomia e a autonomia. Ambas, para Tillich (2005, p. 97), estão em oposição, tanto em sua estrutura, como em sua profundidade.

Enquanto a autonomia tem no ser em si, ou na sua razão interna, leis, normas e regras normativas que em certo sentido não estão condicionadas ao externo. A heteronomia (TILLICH, 2005, p. 98) busca completa supremacia sobre a razão, e neste sentido tomar para si a ideia de ser portadora autorizada para falar “em nome do fundamento do ser e, portanto de forma incondicional e última” (2005, p.98). Em razão disso, ela se manifesta por meio de duas formas, a primeira denominada: “diretas e intencionais da profundidade da razão” (2005, p. 98), que pode ser exemplificado no mito e no culto. A segunda: não míticas e não rituais, a exemplo da política.

Além disso, Tillich afirma que a heteronomia se impõe sobre a autonomia, como resposta direta a sua falta de profundidade, poder e vazio, porque tomou para si a razão técnica como guia ou fundamento. O que torna essa reação caótica, destrutiva por alienar a autonomia do seu exercício e por destruir suas leis estruturais a partir de uma coerção externa (2005, p.98-99).

Para Tillich, a heteronomia e a autonomia têm suas raízes na teonomia¹. Que é a união da razão autônoma com o seu ser profundo. E, quando a heteronomia e a razão rompem com aquilo que as complementam – teonomia – elas perdem seu sentido ou objetividade (2005, p.98).

Tillich afirma que a autonomia e a heteronomia são uma referência hermenêutica para se compreender os conflitos e problemas que estão relacionados à história antiga e moderna, e que têm nestas duas estruturas da razão seu germe filosófico e teológico, que ao longo da história vão se contrapor (2005, p.98-99).

II A heteronomia – o estranho mundo do fundamentalismo protestante brasileiro

Como premissa para o desenvolvimento deste tópico, tomaremos a ideia de Tillich sobre heteronomia dentro do campo religioso. Neste caso, o fundamentalismo protestante no Brasil é aquele que reivindica para si a autorização de ser o portador autêntico e único, para falar em nome do fundamento do ser e tratar sobre as questões últimas de forma incondicional e inquestionável.

Daí, temos duas proposições que se entrelaçam, ou seja, são interdependentes: a imposição teológica, que está relacionada com ideia de que a teologia fundamentalista é a única que foi autorizada a ser um agente regulador de todas as esferas da vida ou existência humana, seja na vida religiosa, ética e secular.

A segunda, é que, quando o fundamentalismo religioso é contrariado torna-se reacionário. E, reacionário, nos referimos aos métodos, caminhos e formas que baseados no seu fundamento teológico, usam como instrumento repressor para validar, e, nesse sentido, manter sua supremacia. A primeira busca na Bíblia seu fundamento e autorização, para impor, e, a segunda, é sua serva, que reage buscando mecanismos para validar suas imposições como é o caso da hermenêutica e negação da vida, como instrumentos reacionários da heteronomia fundamentalista do Brasil.

¹ Em nosso texto não iremos tratar da teonomia, mas da heteronomia e sua relação com o protestantismo brasileiro.

III Imposição e repressão teológica

Quando falamos em autoridade última, nos referimos que esta autoridade é final, única, exclusiva, e, neste sentido, só ela pode estabelecer as matrizes que regerão o ser humano, sem abrir espaço para outros caminhos, até porque, tudo que o ser humano precisa, nesta autoridade delegada por Deus, reside (verdade, certeza, segurança, etc.) e, por amor a Deus, tudo se torna legítimo.

Por isso, a imposição e a repressão tornam-se autorizadas como prova de defesa da verdade, devoção e amor a Deus, logo, como bem colocou o filósofo Slavoj Žižek (2015, p. 40-41) “se você habita no amor divino, então não precisa de proibições, pode fazer o que quiser, pois se realmente habitar no amor divino, é claro que jamais teria vontade de cometer nenhum mal...”

Porém,

a ambiguidade persiste, pois não há garantia, externa a sua crença, do que Deus realmente quer que você faça – na ausência de quaisquer padrões éticos externos a sua crença em Deus e a seu amor por ele, você sempre correrá o risco de usar seu amor por Deus como legitimação para feitos mais horrendos (ŽIŽEK, 2015, p.41).

O fundamentalismo protestante no Brasil busca na Bíblia o fundamento para o estabelecimento de suas reivindicações autoritárias e impositivas, que consequentemente afetam e condicionam todas as dimensões da vida. A partir de Rubem Alves, podemos fazer uma associação com o seu pensamento sobre o autoritarismo do Protestantismo de Reta Doutrina, que em nossa leitura é aplicável ao fundamentalismo protestante do Brasil. Segundo Rubem Alves:

O autoritarismo é o resultado de uma obsessão emocional que exige que os riscos sejam transformados em reconhecimento absoluto. No risco, a realidade permanece além do nosso controle. No conhecimento absoluto, afirmamos que conseguimos dominar intelectualmente o real (2005, p. 111).

Isto significa que o autoritarismo não aceita riscos, novas possibilidades, caminhos, por fugir do nosso controle, domínio. Por isso, no conhecimento absoluto, pronto, acabado e final pode-se ter o controle do real. Contudo, esse conhecimento tem como combustível a obsessão

da certeza que é, em si, o germe produtor de ídolos. E neste sentido, ela não aceita a ideia de um conhecimento temporário (ALVES, 2005, 113). Ainda segundo Rubem Alves:

É muito importante, para o protestante, ter a *certeza* da salvação. É significativo que se faça freqüentemente aos candidatos à profissão de fé e batismo a pergunta: “O senhor tem *certeza* de sua salvação?” A pergunta não é acidental. Ela revela o motivo fundamental da racionalidade protestante: o estabelecimento das certezas. Ela pode, assim, ser descrita como *fé em busca de certezas*, fé que se aterroriza com a dúvida que a frequenta, fé que se desespera de sua condição de palpite, fé que se dedica a exorcizar a incerteza (ALVES, 2005, p. 113-14).

Essa certeza não tem como fundamento último a fé em si mesma e sua relação com o divino, mas a autoridade que lhe antecede e que tem seu fundamento último nas Escrituras Sagradas, como regra absoluta de fé e prática. E nesse sentido só as Escrituras podem oferecer uma certeza plena do fundamento último.

E para fundamentar a absolutização da Bíblia, o fundamentalismo protestante brasileiro impõe que ela “não é confissão, não é testemunho, não é a voz dos homens. A Bíblia é a Palavra de Deus” (ALVES, 2005, 116). Significa dizer que toda a Bíblia, literalmente, cada letra e palavra são a própria voz, sopro, inspiração, hálito, fala de Deus. Tudo aquilo que toca toda a existência humana podemos extrair dela para nossa vida, como regra de fé e prática.

Por isso, ela é autoridade absoluta e incontestável e por ser externa, ela se impõe a nossa fé e experiências, e por esta razão, devem se alinhar aos seus ditames. Para os fundamentalistas, ter a Bíblia como Palavra de Deus significa que a nossa vida será controlada por um texto, “pronto”, “fixo” e “acabado”. Com isso:

Este texto se transforma na norma do meu perceber, querer, pensar e agir. O que sinto se subordina ao que está escrito. O coração é forçado a descrever de si mesmo e a se submeter-se a uma regra verbal que lhe é estranha, exterior, imposta pela comunidade (ALVES, 2005, 117).

Na heteronomia protestante do Brasil há um processo de alienação, razão e empiria, que não estão interligadas, já sua liberdade tornou-se condicionada, foram deslocadas para algo que lhe é externo (Bíblia) e

que, nesse sentido, tornou-se agente autorizado de controle, certeza e verdade incontestável.

Isso é visível na forma como a homossexualidade é tratada no contexto das Igrejas brasileiras, tanto históricas como pentecostais, que são as que mais expressam, tanto na escrita (livros, artigos e revistas), como na mídia (rádio, televisão e redes sociais) com relação ao tema. Ambas, seguindo um dogma estabelecido de forma literal nas Escrituras, entendem e, por isso, impõem um único modelo para sexualidade que é a relação e união afetiva entre um homem e uma mulher, ou seja, a heterossexualidade.

Isto significa que para o fundamentalismo protestante brasileiro é só por meio de um relacionamento sexual e afetivo heterossexual que pode ser considerado como único “padrão, normal, aceitável e ordenado por Deus” (NICODEMUS, 2015, p. 123). Segundo eles, a união entre um homem e uma mulher é um projeto Divino (QUEIROZ, 2015, p. 37). O que infere na exclusão de outra forma de união que não seja aquela que já foi imposta.

Por isso, a relação homossexual entre dois homens ou duas mulheres “desonram a Deus” (Soares, 2015, p. 45), e devem ser tratadas e vistas “como conduta abominável, pecaminosa e antinatural” (NICODEMUS, 2015, p. 124). O que é uma forma de repressão, tanto hermenêutica e de negação da vida, tendo, a Bíblia, como autoridade incontestável.

Em segundo lugar, a *repressão* no protestantismo brasileiro é um tipo de *reação* a tudo aquilo que tenta fugir dos “padrões divinos” estabelecidos na Bíblia – “Palavra de Deus”. Neste sentido, quando a fé dogmática é contestada e a autoridade bíblica e moral são colocadas em dúvida, o melhor caminho a seguir é criar instrumentos repressivos para atestar suas imposições. A primeira repressão ou reação é *hermenêutica*, ou seja, a interpretação bíblica deve ser única, dogmática e literal.

No protestantismo fundamentalista do Brasil não há lugar para novas interpretações exegéticas, polifonias, polissemias, fruto de novos intercâmbios culturais, contextuais (como é o caso da teologia da libertação), questionamentos existenciais e éticos. Existe, apenas, uma interpretação dogmática e literal da Bíblia, que confina o presente para

o passado e faz do passado uma norma para o presente sem nenhum significado último, ou seja, que responda as questões existenciais.

Tillich, discorrendo sobre a importância da hermenêutica, disse que ela deve atender duas necessidades básicas das comunidades cristãs: “a afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação desta verdade para nova geração” (TILLICH, 2005, p.21). Já em relação ao fundamentalismo protestante, segundo Tillich:

(...) acontece o contrário, a verdade eterna é deslocada para a esfera temporal e a situação do presente é deslocada para o passado. Tornando assim a mensagem bíblica irrelevante para as gerações atuais (SILVA, 2013, p.16).

Na hermenêutica fundamentalista do Brasil não há lugar para novos eixos de interpretação – autonomia. Foi por esta razão que Rubem Alves denominou o protestantismo Brasileiro de: Protestantismo da Reta Doutrina, em razão de suas prerrogativas de formulações doutrinárias convergentes, consideradas como personificação da verdade e que, por esta razão, são normativas, absolutas. Logo, devem ser recebidas e cridas sem nenhuma restrição e, assim, possibilitando a integração no seio da comunidade de fé.

Com isso, para ser inserido nestas comunidades de fé fundamentalista, é necessário aceitar suas fórmulas impostas incondicionalmente que é o texto fixo e sua única interpretação, sem levar em consideração a razão autônoma e fé interna de cada pessoa (ALVES, 2005, p. 43-44).

A segunda repressão esta relacionada à *negação da vida*, isto significa que ser cristão no protestantismo fundamentalista brasileiro é estar confinado entre os muros da comunidade cristã. A vida, o lazer, a cultura, a arte são desprezados, tudo aquilo que está relacionado ao “mundo” e ao corpo, ou seja, que contradiga a doutrina, confissão e dogma devem ser reprimidos. Por isso, a vida é vista com desconfiança. No fundamentalismo protestante do Brasil evidencia-se um dualismo platônico, mascarado de um ascetismo que nega a cultura, o corpo, o prazer, a vida e que é denominado de espiritualidade. Outra marca é a ideia do porvir, que é fruto desta negação da vida e do presente.

Segundo Prócoro Velasques para se compreender esse *modus vivendi* do protestantismo brasileiro se faz necessário uma “digressão

histórica” (MENDONÇA, FILHO, 2002, p. 214-215). Fruto de basicamente três movimentos religiosos: puritanismo, pietismo e reavivalismo. Importados das igrejas americanas de missão. Isso significa que os valores religiosos, morais e culturais aderidos no Brasil são de origem anglo-saxã (MENDONÇA, FILHO, 2002, p. 215).

São estes valores que fomentarão o tipo de cristianismo avesso à cultura, à arte, ao corpo, ao prazer, ao século presente, ou seja, tudo aquilo que não pertence a século vindouro ou porvir, deve ser desprezado e, portanto negado, dado a sua secularidade e transitoriedade. É o que diz Mendonça: “O protestante comum vive no provisório. Sua ética de negação do mundo o conduz à constante expectativa do porvir, do mundo a-histórico do Além, muito melhor do que o presente” (MENDONÇA, 2008, p. 341).

Não é por acaso que ser protestante no Brasil carrega uma conotação identificada por aquilo que não é, e, por aquilo que não se faz, daí se constitui sua identidade:

Há na sociedade brasileira um certo pensamento segundo o qual os protestantes são identificados pelo que não são ou não fazem: eles não fumam, não bebem, não dançam, não tem vida sexual extramatrimonial e não se vestem de acordo com a moda. Esse entendimento faz sentido, pois as igrejas protestantes brasileiras, surgidas do movimento missionário do XIX, identificam conversão ao evangelho com a rejeição de uma cultura e a adoção de outros padrões culturais, aos quais elas associam formas de comportamento específicas presididas por uma disciplina rígida, exercida energeticamente pela congregação local (MENDONÇA, FILHO, 2002, p. 205).

A base para tal fundamento e, conseqüentemente, imposição repressora, está na ideia de que o converso para garantir sua salvação deve distanciar-se dos prazeres mundanos (MENDONÇA, FILHO, 2002, p. 220). Tal pensamento em nada se relaciona com o pensamento da reforma protestante, inclusive com relação ao catolicismo romano, que tem sido rejeitado e excluído do “verdadeiro cristianismo” (neste caso o protestantismo brasileiro) em decorrência das imagens de escultura, o culto a Maria, o magistério papal, a moral católica e sua eclesiologia.

Contudo o protestantismo original pregava que a salvação era fruto da graça Divina, independente de obras e, isso, foi o que levou Lutero,

entre outros a contestar a teologia Católica romana e não as questões que acabamos de apresentar, como os protestantes brasileiros equivocadamente atribuem ao seu surgimento, cuja compreensão perdura até os dias de hoje na cabeça daqueles (as) que denominamos de religião do senso comum – aquilo que é passado nas denominações evangélicas ou protestantes, sem nenhuma base teológica e histórica.

IV Heteronomia - o caos destrutivo

Em nossa leitura do Evangelho de João, entendemos que os seguidores do Cristo não seriam conhecidos pelo seu dogmatismo, biblicismo, nem por serem portadores de uma mensagem única e inerentemente autorizada aos mesmos.

Pelo contrário, no Cristo do quarto Evangelho, os seus seguidores seriam reconhecidos pelo amor incondicional devotado ao próximo (Jo. 13.35). Contudo, no protestantismo brasileiro, esse amor está condicionado apenas àqueles (as) que seguem as ordens e regras impostas pela comunidade religiosa. Neste sentido, o amor não é por aquilo que o ser humano é em si mesmo, pelo contrário, é um amor que condiciona, impõe e estabelece limites, que não aceita o outro como é, mas a partir do dogma estabelecido, quem ultrapassar estes limites será lançado no “limbo” ou “inferno”.

Tillich falou do perigo da heteronomia quando ela se torna reativa, pois sua reação tornar-se destrutiva, porque se impõe sobre a autonomia, negando seu direito e destruindo suas leis estruturais (2005, p. 98). A Heteronomia seria a partir desta reação destrutiva causadora da desordem, ou seja, do caos.

No protestantismo brasileiro é perceptível este tipo de caos destrutivo. Pelos menos de dois tipos: um *externo* e outro *interno*. O primeiro está relacionado à intolerância religiosa. O segundo é de ordem interna, psicológica, ou seja, o que ela provoca na alma humana. Como a heteronomia protestante é uma lei imposta, sem levar em consideração ao ser humano como ele o é. A heteronomia protestante “tende a produzir personalidades neuróticas” (ALVES, 2005, 220). E este é o segundo caos que, após o primeiro, iremos apresentar.

A intolerância religiosa tem seu germe seminal no momento em que estes desenvolveram “sentimentos de abjeção e intransigência em

relação àqueles que não pensam nem se expressam exatamente como eles” (CAVALCANTE, 2009, p. 65). Para o intolerante religioso é inaceitável um pensamento por mais brilhante e inovador que seja que não esteja de acordo com os ditames estabelecidos pelos dogmas vigentes.

Neste sentido, podemos dizer que o fundamento da intolerância religiosa esta em sua convicção ou “certeza dogmática” (CAVALCANTE, 2009, p. 68). Esse dogmatismo é um corpo ou conjunto de doutrinas que a partir do texto sagrado tomaram forma e conteúdo. O texto sagrado que é fruto ou produto da fé tornou-se seu ponto de partida e neste sentido esqueceram que a fé é anterior ao texto sagrado, e que este só tomou sua forma depois que a tradição foi estabelecida (GEERING, 2009, p. 39-40).

Não é incomum, na história da Igreja Cristã, observar muitas atrocidades, injustiças, crimes e cisões que foram provocadas em decorrência da não aceitação por parte do dogmatismo cristão, com uma teologia ou pensamento que não se coadunava com a teologia vigente.

Segundo Slavoj Žižek no fundamentalismo religioso e intolerante “tudo é permitido para aqueles que se referem a Deus de uma maneira brutalmente direta, percebendo-se como instrumentos da vontade de Deus” (2015, p. 38). Por isso, o intolerante religioso se alimenta de uma espiritualidade soberba e de um sentimento de superioridade em relação aqueles (as) que não estão de acordo com sua maneira de pensar (CAVALCANTE, 2009, p. 66). Segundo Geering, esse comportamento ou atitude resulta de uma suposta

convicção de que possuem o conhecimento absoluto da verdade da qual se tornaram guardiões divinamente ordenados. Têm, assim, o sentimento de confiança extrema e de poder interior em relação aos que diferem deles. Tornam-se cruzados, entregues a defender e a disseminar a verdade como imaginam (GEERING, 2009, p. 41).

No fundamentalismo protestante brasileiro, temos esta marca da intolerância, fruto de uma heteronomia caótica, destrutiva que marginaliza todos (as) que não se submetem ao dogma estabelecido. A razão, segundo eles, é que suas doutrinas ou dogmas têm seu fundamento nas Escrituras e neste sentido no próprio Deus, o que lhes dá absoluta

certeza de que “conhecem absolutamente a mente e a vontade de Deus sobre qualquer coisa que lhes interesse” (GEERING, 2009, p. 42).

Por isso se acham autorizados a impor o que lhes convém, segundo o dogma estabelecido e, por esta razão, a tolerância é zero com aqueles (as) que pensam ou agem em discordância com o dogma estabelecido. Essa postura segundo Cavalcanti (2009, p. 69) “faz de Deus, um ser domesticado, “engaiolado” – simulacro da verdade objetivada”.

Além do caos externo provocado pela intolerância religiosa à heteronomia do protestantismo brasileiro desencadeou outro caos, que é de ordem interna, ou seja, psicológica que envolve a alma humana. Hans Küng em seu belo texto, *Freud e a questão da religião*, apresenta algumas críticas freudianas com relação à religião, que achamos pertinentes e que serão nosso guia para melhor entendermos sobre a desordem interna que a heteronomia religiosa causa.

Entendemos que a heteronomia religiosa é a “causa de neuroses eclesiogênicas” (KÜNG, 2010, p. 109). Isso não é novo. No Evangelho de Mateus, temos a figura dos fariseus que colocavam normas, regras e um tipo de moralidade tão degradante, que muitos religiosos daquela época estavam cansados, sobrecarregados e esmagados com aquela heteronomia imposta em nome de Deus (Mt. 23). Quando a comunidade religiosa coloca seus preceitos e dogmas conservadores acima do indivíduo, da vida, da pessoa humana, este ser humano “será moral e espiritualmente esmagado” (JUNG, 2011, p. 41).

Estas neuroses eclesiogênicas afetam todas as dimensões da vida do indivíduo. Segundo Küng (2010, p.109) o abuso de poder em nome de Deus e o conjunto de normas morais inibidoras tendo o dogmatismo como referência seria responsável pela dominação e repressão. As pessoas estariam sob a dependência e tutela dessas autoridades. Logo, a obediência incondicional e irrestrita era reclamada das pessoas, mesmo que esta autoridade espiritual fosse duvidosa.

Nesse tipo de autoritarismo: o sexo é reprimido, a mulher é tratada com desprezo, à ciência é hostilizada e mesmo sendo falsas as concepções sobre o bem e mal, as pessoas são obrigadas a acreditar. A imagem concebida de Deus é distorcida. Deus é apresentado como Deus-pai castigador e autoritário. A razão é vista como inimiga da religião (KÜNG, 2010, p. 109-110). Estas e outras questões são respon-

sáveis de esmagar, destruir e criar distúrbios nos seres humanos com danos irreparáveis na alma e na vida. Tudo em nome de Deus, que tem no dogma seu fundamento e na Escritura sua autorização.

O fundamentalismo protestante é marcado por abuso de poder, um dogmatismo inflexível e castrador, que a partir das Escrituras impõe dominação e repressão. O sexo ainda é tratado e concebido de forma maniqueísta, distorcida e por isso demonizado. As mulheres são tratadas como inferiores aos homens e elas, em muitos desses reds fundamentalistas, não podem exercer uma liderança eclesiástica por causa de uma interpretação reducionista e machista da Bíblia. É exigido de muitas lideranças, uma obediência cega e irrestrita. A concepção de bem e mal é distorcida, pois se ensina que aqueles (as) que forem obedientes a sua liderança espiritual terão proteção espiritual e nenhum mal os atingirá. A imagem de Deus é de um Ser que impõe e cujo relacionamento só é possível a partir daquilo que está no dogma, e não na fé que está acima do dogma. A razão e a ciência são vistas com desprezo.

Enfim, como havíamos dito antes, na heteronomia do protestantismo brasileiro à cultura, à arte, o corpo, o prazer, o século presente, ou seja, tudo aquilo que não pertence ao século vindouro ou porvir que tem no dogma seu fundamento, deve ser desprezado e portando negado, dado a sua secularidade e transitoriedade. E o resultado disso tudo é uma espiritualidade amorfa, doentia, que foi mascarada por cristianismo que não é o de Cristo. Como diria Nietzsche (2013, p. 404) “a palavra “cristianismo” é um mal-entendido – no fundo, houve apenas um cristão, e esse morreu na cruz. O “evangelho” morreu na cruz”.

Considerações que não se esgotam...

O ser humano deseja liberdade... Nos Evangelhos, o Cristo que se apresenta propõe esta liberdade e autonomia tão desejada. Contudo, a religião cristã, ao logo da sua trajetória, sempre inibiu, condicionou e privou os seres humanos de sua liberdade, condicionando-a a dogmas que foram estabelecidos com um objetivo de regular a fé alheia.

O texto sagrado que é testemunho, confissão e fruto de uma fé dinâmica e criativa, forjada nas experiências com o Divino, foi substituído por um texto pronto, acabado, fixo e imutável que é denominado de Palavra de Deus. E neste sentido, este texto torna-se normativo para a

vida do ser humano. Portanto, o texto é tido como autoridade absoluta e incontestável, e por ser externa, se impõe a nossa fé e experiências, e que por esta razão devem se alinhar aos seus ditames.

E é com base neste texto sagrado que nós chamamos de Bíblia, que surge um tipo de interpretação em que o ser humano deve se submeter a uma lei que é externa, indiferente, alheia, estranha, com a vida e realidade denominada de heteronomia.

Esta heteronomia é visível na religião de modo geral, mas no nosso caso, ela é um marca indistinta do fundamentalismo protestante brasileiro que a partir da Bíblia impõe suas regras e seu dogmatismo como verdade absoluta e inquestionável. E, para isso, usam o texto sagrado para impor seu autoritarismo e repressão através de uma hermenêutica dogmática e literal das Escrituras. Além de provocarem uma reação negativa da vida, que se estende para todas as dimensões do ser humano.

Esta heteronomia é responsável de criar um caos destrutivo na vida humana, que pode ser externo e interno. Externo, porque ele não aceita o outro, o diferente. Por isso, é intolerante com todo pensamento, fala, gesto ou ação que não esteja de acordo com os seus ditames impostos. Em segundo, é interno, porque afeta uma dimensão mais profunda do ser humano que é sua dimensão psicológica, interior. Esse tipo de caos interno provoca neuroses catastróficas, pois distorce a fé, a vida, o corpo, a compreensão e relação do ser humano com Deus e com o seu próximo.

A heteronomia do fundamentalismo protestante brasileiro é castradora, alienante, repressora, excludente e estranha. Por isso, ela em nada se relaciona com o Evangelho do Cristo que ao contrário deste “evangelho” é restaurador, libertário, humano, que valoriza a vida e integra o ser humano em todas as suas dimensões.

Referências

ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Teológica/Edições Loyola, 2005.

CAVALCANTE, Ronaldo. Teologia protestante brasileira: as “luzes” e as “sombras” de um discurso paradoxal do sagrado. In: FERREIRA, João Cesário Leonel (Org.). **Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

- GEERING, Lloyd. **Fundamentalismo**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. 2ª ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2010.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêia. **O celeste Porvir: A inserção do Protestantismo no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêia; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- NICODEMUS, Augustus. **Polêmicas na Igreja: doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo**. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Obras escolhidas**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falava Zaratustra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Coleção Vozes de Bolso).
- QUEIROZ, Edison. **40 dias de Jejum e Oração**. *s.l.*: ATG, 2015.
- SILVA, E. P. **A linguagem da fé: A importância do símbolo religioso em Paul Tillich**. São Paulo: Correlatio v. 12, n. 24 - Dezembro de 2013.
- SOARES, Ezequias. **Os Dez Mandamentos: Valores Divinos para uma sociedade em constante mudança**. Rio de Janeiro: CPAD. 1940-2015. Trimestral. ISSN: 1678-6823.
- TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5ª. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- ŽIŽEK, Slavoj; GUNJEVIĆ, Boris. **O sofrimento de Deus: inversões do apocalipse**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.